

HALÍK, Tomás. O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar.
Trad. de Karen Clavery Macedo.
Petrópolis: Vozes, 2023, 336f.

Carlos Fernando Silva Brito¹

A obra *O entardecer do cristianismo*, publicada originalmente em italiano em 2022, e traduzida para o português em 2023, é mais um esforço teológico do padre Thomás Halík para dialogar com o nosso tempo e inquirir a Igreja sobre a sua capacidade de responder aos desafios do presente. Halík nasceu em Praga, em 1948, formou-se em Ciências Sociais e Humanas em 1972 na Universidade Charles (Praga), e depois estudou clandestinamente teologia e foi ordenado padre (secretamente), no ano de 1978, na Alemanha do Leste. É membro da Academia Europeia da Ciência e da Arte e foi consultor do Conselho Pontifício para Diálogo com os Não-Crentes (1990). Autor de diversos livros sobre espiritualidade, filosofia da religião e teologia, recebeu em 2010 o Prêmio Romano Guardini de melhor livro teológico da Europa.

Nesta sua obra mais recente o autor desenvolve uma crítica propositiva à Igreja tendo como fio condutor a imagem que Carl Gustav Jung utiliza para entender as etapas do desenvolvimento humano. O entardecer corresponde à etapa da maturidade, quando os valores e a personalidade, após serem purificados pela crise do meio-dia, se consolidam. O autor quer destacar que essa etapa só pode ser bem vivida com boas doses de coragem, a coragem de reconhecer o fim das velhas estruturas e certezas em nome de uma fé mais madura. No decorrer dos 16 capítulos que compõem este ensaio, o autor desenvolve de maneira prática a abordagem teológica que ele chamou de *kairologia*, “uma hermenêutica teológica da experiência da fé na história, espe-

¹ Doutorando em Filosofia pela UFMG (Bolsista FAPEMA 2021-2025) com estágio de pesquisa internacional na École des Hautes Études Sciences Sociales – EHESS (Bolsista CAPES-PRINT 2023).

cialmente em momento de crise nas mudanças de paradigma social e cultural” (Halík, 2023, p. 38).

O texto é composto de ensaios escritos entre 2015 e 2021 visando a responder a três perguntas que somente ao final da obra são explicitadas: “qual a função do entardecer – o entardecer da vida humana individual, o entardecer da história humana, o entardecer do cristianismo, o entardecer da história da fé? O que deveria ter morrido naquela longa crise histórica das certezas, naquela crise do meio-dia, cujos vislumbres sentimos em muitas crises do nosso tempo? O que devemos amadurecer e qual deve ser o conteúdo dessa tarde?” (Halík, 2023, p. 312). O desenrolar progressivo dos capítulos contempla um movimento que parte da vida individual dos sujeitos, passando pela dimensão interpessoal de nossa existência, alcançando a dimensão da fé e mais precisamente da fé cristã e católica. Em face da dificuldade de condensar em poucas páginas os inúmeros *insights* que o texto oferece para aqueles que desejam pensar a atualidade da mensagem cristã, faremos a exposição apenas daquilo que consideramos como sendo os fios condutores que perpassam pela obra em questão.

Halík parte da constatação da crise em que vivemos atualmente e da atitude que este tempo requer como resposta. Afirma o autor que “os cristãos estão divididos – hoje as diferenças não são principalmente entre as igrejas, mas dentro delas” (Halík, 2023, p. 13), e é esse o pano de fundo de seu exercício teológico, a busca por uma Igreja capaz de ser sinal de unidade. Para tanto, é preciso que o cristianismo transcenda a si mesmo (Cf. Halík, 2023, p. 18) e as estruturas que antes o identificavam, é preciso retomar a convicção de que “a fé cristã não é principalmente um culto de adoração à pessoa de Jesus, mas é o *caminho de seguimento de Cristo*” (Halík, 2023, p. 16, grifos do autor).

Em face da necessidade de repensar o conceito de fé, o autor mobiliza a clássica distinção teológica *fides qua* e *fides quae*, tencionando destacar que a fé, em seu sentido existencial, “não é um mero fideísmo emocional, um vago sentimento piedoso” (Halík, 2023, p. 19), e que por isso mesmo podemos falar da fé dos incrédulos, ou seja, do estilo de vida autenticamente cristão que é levado por aqueles que não são cristãos, pois “como alguém cumpre a tarefa de ser humano diz muito sobre o tipo de pessoa que é e o tipo de fé que inspira e informa sua própria vida” (Halík, 2023, p. 20).

A fé, é, para Halík, o nosso modo de responder ao Deus que se comunica com cada um de nós, e fazemos isso através da fé como elemento existência/ atitudinal (*fides qua*) e enquanto conteúdo de nossa crença (*fides quae*). Em síntese, “*Fides quae*, ‘convicção’, dá a fé, no sentido de *fides qua*, as palavras, a possibilidade de autoexpressão verbal e intelectual e de comunicação com os outros” (Halík, 2023, p. 26). Essa distinção é importante, pois é ela que nos permite

perceber que há um limite em determinado componente de nossa fé, mas que isso não significa limitar a própria fé em si. A imagem de Deus que articulamos em conteúdo (*fides quae*), é limitada por nossa linguagem e cultura (Cf. Halík, 2023, p. 28), e, para vivermos a coragem que requer o entardecer do cristianismo, precisamos abraçar essa limitação como algo inerente ao nosso modo de crer.

Esse movimento conceitual culmina na afirmação de Halík de que “[...] toda nossa teologia, os catecismos e os manuais de teologia dogmática são apenas uma pequena concha quando comparados à plenitude do mistério de Deus. Usemos com gratidão todos os instrumentos de conhecimento que nos foram dados; mas não deixemos de nos maravilhar com a imensidão e a profundidade daquilo que os transcende infinitamente” (Halík, 2023, p. 30). Este é um convite do autor para que percebamos que nenhuma teologia é capaz de sondar e expressar a inteireza do mistério divino e, portanto, nenhuma linguagem teológica pode se pretender tão perfeita a ponto de desprezar o diálogo com outras correntes de pensamento.

Na metáfora do dia, o entardecer é fase da consolidação da maturidade, e isso significa também que determinadas convicções e elementos da personalidade devem ser abandonados. Do ponto de vida da fé cristã, isso demanda entender a tradição como “uma corrente viva de transmissão criativa e testemunho” (Halík, 2023, p. 30). A fé que surge dessa tradição não é estática, mas “um fenômeno dinâmico e mutável que não pode ser espremido nos limites de uma definição estreita” (Halík, 2023, p. 31). Essas são as convicções básicas que motivam a “fenomenologia da auto revelação divina” (Halík, 2023, p. 37), que é como este autor descreve seu fazer teológico.

Sobre sua maneira de fazer teologia, Halík afirma: “Chamo a abordagem teológica adotada neste livro de *kairologia*. Uso essa palavra para denotar uma *hermenêutica teológica da experiência da fé na história*, especialmente em momentos de crise nas mudanças de paradigma social e cultural” (Halík, 2023, p. 38, grifos do autor). Nessa perspectiva de teologia pública (cf. Halík, 2023, pg. 44) que o autor deseja desenvolver, a tarefa da Igreja é ser profeta que interpreta os sinais dos tempos com ferramentas da teologia e filosofia contemporânea, visando a superação da metafísica tradicional, que, para o autor, já não é mais capaz de compreender o tempo presente. Para ainda ser útil no serviço às pessoas, a nova teologia precisa ser contextual, ou seja, “deve refletir sobre a fé no contexto da cultura e da mudança histórica e, portanto, também no diálogo com as ciências que se ocupam do ser humano, da cultura, da sociedade e da história” (Halík, 2023, p. 40).

A ideia do autor é desenvolver uma reflexão sobre o “tipo de fé (não de religião) mais eficaz em ajudar a geração em ascensão a lidar com os desafios

apresentados pela nova era emergente, e que tipo de transformação a Igreja, a teologia e a espiritualidade devem sofrer para abraçar a crise atual como uma oportunidade de ser um apoio para as pessoas” (Halík, 2023, p. 56). Enfrentar a crise não significa oferecer uma resposta acabada ou mesmo produzir apologias, mas sim ser capaz de enxergar no meio da crise as oportunidades e os traços de uma fé mais madura que já se apresenta em meio aos destroços.

Tal como pode ocorrer com a vida individual, também à Igreja é passível de envelhecer de maneira inadequada. O “mau envelhecimento” para Halík significaria “perder o tempo da reforma, ou mesmo tentar voltar ao tempo anterior à crise do meio-dia” o que resultaria na produção de “uma forma de cristianismo estéril e repulsiva” (Halík, 2023, p. 63). Outra forma de envelhecer de maneira inadequada seria se a Igreja se prendesse às “[...] tentativas de resolver as crises atuais de maneira indiscriminada, por mera reforma externa das instituições da Igreja, sem mudanças mais profundas na teologia e na espiritualidade; isso só pode provocar caos e resultados superficiais” (Halík, 2023, p. 63).

Uma das virtudes do trabalho de Halík é a sua consciência da dimensão paradoxal que acompanha a sociedade hodierna e, conseqüentemente, a fé no mundo moderno. Em face do paradoxal, se quisermos compreender a nossa realidade “[...] devemos descartar a adesão dogmática ao princípio de que ‘A’ não pode ser ‘não A’ ao mesmo tempo” (Halík, 2023, p. 70). Na linguagem da metáfora do dia, ele quer nos fazer perceber que “quando é meio-dia e primavera aqui, em outros lugares do planeta é manhã, noite e um outono sombrio. Em nossa sociedade globalmente interconectada, modos de vida pré-modernos, modernos, hipermodernos e pós-modernos coexistem e, por vezes, colidem de forma surpreendente” (Halík, 2023, p. 67).

Com a progressão da obra, ficará ainda mais enfática a recusa do autor por determinados modelos teológicos, pastorais e eclesiais. O principal adversário de uma Igreja que tenha a coragem de dialogar com o mundo de hoje é, para Halík o tradicionalismo², essa “[...] ‘desordem infantil’ temporária ou um disfarce para pessoas psicologicamente desequilibradas que criarão sérios problemas para as estruturas da Igreja” (Halík, 2023, p. 104). No âmago do tradicionalismo está o papel que atribuem ao sacerdote, o nível de idolatria que se desenvolve à figura do padre, e é exatamente por isso que o autor afirma que “lutar contra o clericalismo é um tipo saudável de iconoclastia” (Halík, 2023, p. 111).

Essa “desordem infantil” só pode desenvolver-se em ambientes que se pretendam isolados do mundo, visto que eles são marcados pela incapacidade

2 O autor utiliza os termos “clericalismo”, “fundamentalismo”, “integralismo”, “tradicionalismo” e “triumfalismo” como sinônimos de uma mesma manifestação do egocentrismo da Igreja, da sua fixação no que é superficial e externo, fruto dessa forma de cristianismo da manhã (na metáfora do dia), ou mais precisamente, a da saudade da manhã ou as várias tentativas de reconstruí-la ou imitá-la (Cf. Halík, 2023, p. 314).

de ler a realidade. Esses ambientes são definidos pelo autor como “[...] refúgios para pessoas que carecem da capacidade e coragem para viver e servir a Igreja atualmente e na sociedade contemporânea” (Halík, 2023, p. 110). É preciso combater essa visão do ministério baseada no triunfalismo, pois este é “[...] uma mistura de orgulho e cegueira, é uma doença da Igreja – Jesus o chamou de fermento dos fariseus, e o Papa Francisco o chamou de clericalismo” (Halík, 2023, p. 286).

O que é observado no plano eclesial da formação sacerdotal também aparece no plano teológico. Para Halík, a metafísica clássica, como foi percebido pelos grandes teólogos do século XX, é incapaz de “[...] compreender as implicações radicais das transformações históricas e culturais, e a necessidade de levar a sério a crise existente da percepção de Deus, essa escuridão do meio-dia e vale da sombra da morte do Deus metafísico dos filósofos” (Halík, 2023, p. 120-121). Uma teologia que queira compreender e ser útil ao mundo hodierno não pode abster-se de boas doses de coragem, e por isso o autor afirma que para muitas correntes tradicionalistas de teologia, como os neotomistas, “[...] faltou a coragem de Santo Tomás de Aquino, que inovou radicalmente a teologia de seu tempo com a ajuda das ideias do filósofo pagão Aristóteles, cujos ensinamentos foram proibidos pelas autoridades da Igreja da época” (Halík, 2023, p. 133).

Contudo, não se pode pensar que, por rejeitar o tradicionalismo, Tomás Halík abrace de maneira indiscriminada as ideias ditas “progressistas”. Para ele, o exercício da *kairologia* consiste justamente, através do reconhecimento dos sinais do tempo, em equilibrar as posições e sopesar as possibilidades de respostas. Se os esforços tradicionalistas “[...] de rejeitar os passos reformistas necessários do Concílio e retornar ao mundo pré-moderno causaram muitos danos à Igreja e estão terminando, nas palavras de um clássico, em farsa em vez de tragédia” (Halík, 2023, p. 145), é preciso também reconhecer que “[...] as muitas tentativas dos progressistas também confirmaram a validade do ditado de que, se você se casar com o espírito da época, logo ficará viúvo” (Halík, 2023, p. 145).

Em meio a essas constatações, a aposta do autor se volta para o tema da espiritualidade. O princípio básico da fé na Igreja é a sua afirmação de que “a Igreja é fundada sobre uma rocha, mas não deve ficar petrificada. O Espírito, como princípio de sua vida, como ‘circulação do sangue’ que une vários órgãos de seu corpo, é o que garante tanto a sua unidade quanto a sua constante renovação” (Halík, 2023, p. 116). Para Halík, é retomando o papel do Espírito na reforma da Igreja que daremos conta de que esta “[...] deve ir além das mudanças nas estruturas institucionais, deve partir de fontes mais profundas de renovação teológica e espiritual” (Halík, 2023, p. 147). É um dos pontos nodais da obra deste autor a sua convicção pneumatológica de que “[...] a verdadeira renovação da

Igreja não será gerada nas escrivatinhas dos bispos, nem nos concílios ou nas conferências de especialistas; ao contrário, requer poderosos impulsos espirituais, profunda reflexão teológica e coragem para experimentar” (Halík, 2023, p. 105).

Para nosso autor, a crença na primazia do Espírito ao longo desse processo de renovação é fundamental. Uma das passagens onde reluz com maior brilho esse aspecto da fé de Halík é o seguinte: “questões sobre os limites da Igreja e a relação entre a Igreja visível e invisível têm sido objeto de debates teológicos durante séculos, e esses debates não podem ser simplesmente concluídos por uma única definição dogmática; o Espírito de Deus guia a Igreja por meio da história, transformando-a, trazendo-a incessantemente à plenitude da verdade e inspirando sua autorreflexão teológica, incluindo reflexões teológicas sobre suas transformações históricas. Essa ação do espírito na Igreja só terminará com a consumação de sua história no abraço de Deus; negá-lo e não o escutar provavelmente significaria blasfemar contra o Espírito Santo” (Halík, 2023, p. 213). Em outros termos, podemos dizer que para Halík aqueles que desejam uma concepção de Igreja e teologia estática cometem o impropério de tornarem-se “pneumatófagos”, para usarmos a expressão de Tertuliano à época das querelas trinitárias.

No plano da reflexão teológica, a renovação passa pela capacidade de dialogar com os mais recentes avanços das demais ciências. Nesse sentido, como caminho de diálogo, Halík entende que “são especialmente os pensadores da filosofia fenomenológica e hermenêutica continental e americana da religião e da teologia filosófica, especialmente em conexão com a chamada mudança teológica na fenomenologia francesa que tem oferecido novos horizontes e uma nova linguagem” (Halík, 2023, p. 121). Essa nova teologia não pode prescindir de uma reconciliação com a própria dúvida. Halík afirma que “a teologia, elaborada sob a forma de um sistema pretensamente coerente e fechado de silogismos, no qual não há vestígios do drama da busca pessoal de Deus ou da luta entre fé e dúvida, sempre me pareceu tão fria e inerte quanto um corpo morto sem alma” (Halík, 2023, p. 250).

A reconciliação entre fé e dúvida faz parte do testemunho pessoal de conversão de Halík. Ele narra sua história pessoal e como aprendeu a perceber “[...] a fé e a dúvida como duas irmãs que precisam uma da outra, que devem apoiar-se mutuamente para não caírem da ponte estreita no abismo do fundamentalismo e da intolerância – no qual a dúvida ajuda a fé – ou no abismo do ceticismo amargo, do cinismo ou do desespero – nesse caso, a fé como uma espécie de confiança básica nos ajuda” (Halík, 2023, p. 255). Nosso autor está convicto de que é a partir dos “[...] momentos em que nossa fé é pregada na cruz da dúvida,

quando desce aos infernos da dor e do abandono e algumas das suas formas desaparecem e são colocadas na sepultura” (Halík, 2023, p. 222-223), que emerge uma fé madura.

Do ponto de vista espiritual, “o principal desafio para o cristianismo eclesial hoje em dia é *como passar da religião para a espiritualidade*” (Halík, 2023, p. 232, grifos do autor). O autor entende que a espiritualidade, enquanto fé viva, “[...] precede a reflexão intelectual (o aspecto doutrinário) e as expressões institucionais da fé; as transcende e por vezes as revive e as transforma em momentos de crise” (Halík, 2023, p. 239). Ao longo da história do cristianismo, os impulsos que animaram o pensamento teológico e levaram às reformas da Igreja na maioria das vezes emanaram de centros de espiritualidade. Em face disso, o autor propõe a criação de ministérios de acompanhamento espiritual, novas formas de organização da realidade paroquial com vistas ao cultivo da reta espiritualidade cristã e o fomento dos centros que desenvolvem espiritualidade ecumênica, a exemplo da Comunidade de Taizé.

No plano da vida eclesial/pastoral, Halík enfatiza quatro conceitos teológicos que, para ele, podem e devem ser construídos, aprofundados teologicamente e colocados em prática de maneira gradual. Os conceitos são: i) a concepção da Igreja como povo de Deus que caminha ao longo da história; ii) a concepção da Igreja como escola de sabedoria cristã; iii) o conceito de Igreja como hospital de campanha; iv) a ideia da Igreja como lugar de encontro e conversa, um ministério de acompanhamento e reconciliação (Cf. Halík, 2023, p. 281). Ao longo de seu livro, esses conceitos aparecem repetidas vezes, mesmo que não seja seu objetivo dar-lhes o desenvolvimento teológico que ele julga ser necessário.

O convite à coragem que o autor desenvolve no plano teológico, espiritual e eclesial/pastoral é marcado pela convicção de que a Igreja goza de uma corresponsabilidade pelo mundo. Para ele, “se a Igreja não aceitasse sua corresponsabilidade pelo mundo e se esforçasse pelo cultivo da sociedade, mas se dedicasse apenas a ‘atividades explicitamente religiosas’, tornaria essas atividades inautênticas e estéreis” (Halík, 2023, p. 290).

O fundamento teológico filosófico disto é que “a *vita activa* e a *vita contemplativa* existem conjuntamente; para tomar emprestada a linguagem do dogma cristológico do Concílio de Calcedônia, elas pertencem uma à outra ‘sem confusão’ e ‘sem separação’ – separar uma da outra é danificar ambas” (Halík, 2023, p. 291). Tal como lhe ocorreu ao visitar um orfanato católico em Madras, Índia, onde reza a lenda que o apóstolo Tomé foi martirizado, os cristãos de hoje devem se dar conta de que “quem no nosso mundo ignora as feridas da miséria, do sofrimento e da dor de qualquer tipo, quem fecha os olhos para elas e se re-

cusa a tocá-las, não tem o direito de exclamar [como o fez Tomé]: ‘Meu Senhor e meu Deus’” (Halík, 2023, p. 199).

Por fim, uma última consideração que julgo relevante: o design gráfico da edição brasileira e o título do livro podem passar a impressão de que se trata de um texto eminentemente “negativo”, sobre a crise enquanto “trevas”. Contudo, Halík encerra sua obra lembrando que se é verdade que cotidianamente o conceito de entardecer sugere a proximidade da noite, da extinção e da morte, mas no conceito bíblico de tempo, um novo dia começa à noite, e por isso é importante ter coragem para que “não percamos o momento em que a primeira estrela aparece no céu da noite” (Halík, 2023, p. 324).

Neste nosso texto, obviamente, não pretendemos esgotar a riqueza do trabalho de Halík. Desejamos apenas que através da exposição das linhas mestras do seu trabalho fosse feito um convite para que novos leitores conheçam a obra que nos desafia a abraçar com coragem evangélica os desafios de nosso próprio tempo capazes de nos fazer amadurecer nosso cristianismo. Nietzsche definiu a coragem como força interior que conduz o indivíduo à superação de si. Nos parece bastante convincente a argumentação de Thomas Halík de que o terceiro milênio requer dos cristãos essa coragem de superar a si mesmo no nível social, eclesial e espiritual.

Recebido em: 10/09/2024

Aprovado em: 22/09/2024